

*Discurso na cerimônia de lançamento
do programa de apoio à exportação de
produtos manufaturados*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 19 DE JUNHO DE 1996

Senhor Presidente da Câmara dos Deputados, meu amigo Luís Eduardo Magalhães; Senhor Ministro de Estado do Planejamento, Deputado Antonio Kandir; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Parlamentares; Senhores Líderes; Senhor Presidente do BNDES, Dr. Luiz Carlos Mendonça de Barros; Senhoras e Senhores;

Creio que o Ministro Kandir já expressou, de forma direta e concisa, os objetivos desta nova medida ou desta nova política – porque é mais do que uma medida – do BNDES.

Estamos deixando, paulatinamente, mais claro para o Brasil que estabilização, para nós, não significa a ausência de crescimento. Estabilização é a pré-condição, mais do que pré-condição, é condição permanente para que haja crescimento sustentado. E estamos, agora, num momento em que é possível já mostrar, de forma positiva, quais são os passos para que nós organizemos o nosso capitalismo, usando uma expressão japonesa cara ao Ministro Kandir: organizar o nosso capitalismo. E, por “nosso”, digo nosso mesmo, o brasileiro.

Estamos, hoje, numa integração crescente na economia internacional. Esse é um desafio indispensável. Mas esse desafio indispensável não nos cega a necessidade de criarmos condições, aqui, no Brasil, para que as indústrias possam avançar, no sentido de aumentarem a sua competitividade e de terem condições de participar dessas grandes transformações, que vão criar, crescentemente, fluxos de exportação e de importação.

Se há alguma coisa de novo no panorama brasileiro, é que nós dobramos o fluxo nas duas direções – importação e exportação – em quatro anos. De 50 bilhões passamos para 100 bilhões de reais ou de dólares. Isso, na verdade, digamos com clareza, não é nada. Temos que aumentar muito mais ainda esse fluxo de importações e de exportações, nos dois sentidos.

Ora, para que possam fluir de maneira conveniente, sem causar danos na balança comercial, sem que haja problema maior, temos que aumentar as exportações, porque as importações vão também ter que continuar crescendo. E só aumentaremos as exportações havendo, não apenas, como está havendo, ganho em produtividade, mas havendo, também, condições como essas, financeiras, que permitam uma concorrência leal, e não a concorrência desleal.

O sacrifício que foi imposto, pela conjuntura da estabilização, a certos setores da nossa economia tem que ser, agora, compensado, através de medidas concretas, nos têxteis, nos calçados, amanhã no setor de papel e celulose, enfim, nos vários setores que foram atingidos pela reorganização do sistema produtivo mundial e do sistema produtivo nacional.

É o que o BNDES está fazendo; está fazendo sob a liderança do Luiz Carlos Mendonça de Barros, de maneira agora muito rápida, também muito ativa e muito consistente. Nós estamos, efetivamente, colocando os recursos do BNDES para mobilizar as energias produtivas do nosso país.

O presidente do BNDES costuma dizer que dispõe de recursos maiores que os do Banco Mundial. Não sei se isso é certo; de qualquer maneira, são recursos suficientes para que possamos reorgani-

zar a nossa economia, o nosso setor produtivo de maneira competente e que permita que esse setor produtivo continue a florescer.

Recentemente, eu disse aqui, numa outra sala, aos estagiários da Escola Superior de Guerra, que, lá pelo fim do ano, nossa economia deve estar rodando a 6%; e alguém perguntou de onde eu tirei o número. Eu digo: é muito fácil. Se estamos imaginando que vamos ter uma média de 3,5% a 4% de crescimento do PIB, neste ano, e se houve crescimento menor no primeiro semestre, vamos ter que aumentar o crescimento no segundo semestre.

Então, naturalmente, se está rodando a 6%, não significa que tenhamos uma média de 6%, mas significa que, lá por dezembro, nós esperamos estar realmente a 6%, de tal maneira que, em 97, possamos manter esse equilíbrio entre 5% e 6%, ou seja, avançando o patamar de crescimento da nossa economia. O Plano Real não é só a estabilização da moeda. É mais do que isso: é a reorganização da economia, e essa reorganização está começando a ter seus frutos positivos.

Os dados que sempre foram os mais preocupantes, que são os da área de emprego, começam a mostrar, também, sinais de alteração positiva. Desde abril, estamos criando mais postos de trabalho do que perdendo postos de trabalho. Isso vai continuar assim. E não é com greve que se resolve a criação de postos de trabalho. É com trabalho. É o que estamos fazendo: criando postos de trabalho. E isso vai continuar, espero. Por quê? Por causa do índice das taxas de investimento.

Os senhores aqui, muitos são empresários, sabem melhor do que eu dessas coisas. Se não houver investimento, o resto não existe: não pode haver crescimento, não pode haver emprego, não pode haver estabilização, não pode haver nada, ou melhor, pode talvez haver estabilização da miséria, que é o que nós não queremos.

Então, o que nós queremos é ver as taxas de investimentos. Elas são positivas, como todos os sinais relativos ao investimento. Não só estamos recuperando as nossas taxas, que, historicamente, foram mais elevadas, como estamos assistindo a um fato novo, que é o acrescentamento para compensar, até certo ponto, a incapacidade

do Estado de investir, porque este foi o grande problema que tivemos: a retração do investimento estatal.

Para compensá-la, estamos tendo um investimento privado grande, sobretudo agora, com a entrada de capitais externos, que está também numa demonstração de firmeza muito grande. Tenho falado sempre em 6 bilhões de dólares de investimento direto, produtivo, este ano, porque é melhor sermos conservadores: os cálculos efetivos vão além dos 6 bilhões de dólares – o que mostra, portanto, que estamos, realmente, reorganizando de maneira muito conseqüente a nossa base produtiva.

De modo que eu só tenho a dizer à opinião pública, ao País, aos empresários, aos trabalhadores que essa medida do BNDES é uma medida conseqüente com o que estamos fazendo, que é criando bases para um crescimento estável e sustentável da nossa economia.

Daqui por diante, é só continuar trabalhando – o rumo está definido –, manter a esperança, aumentar a nossa capacidade de fazer com que as pessoas entendam que o Brasil já mudou, não ficarmos nós enfiando a cabeça na areia com medo do primeiro grito que ocorra: “Ah, está ruim aqui, está ruim.” Não está ruim, não. Foi pior. Está cada vez melhor, até mesmo nos dados relativos à sociedade, como os últimos relatórios das Nações Unidas mostraram. E são relatórios, repito, relativos ao ano de 1991. Não contei ainda nada do que aconteceu no Plano Real.

Quando tivermos os dados sobre as transformações na área social, provocadas pela estabilização com crescimento, que é o que estamos fazendo, vamos ver que temos um rumo bastante conseqüente, sem nenhuma bazófia, sem imaginar que se resolvam todos os problemas da noite para o dia, mas com muita persistência. E é isso que nos vai levar ao bem-estar crescente da sociedade brasileira.

Agradeço e felicito a todos.

Muito obrigado.